

A hora dos coordenadores

Rogério Coelho Neto

A sucessão do presidente José Sarney, de repente, pode passar pela sagacidade e pela experiência política dos coordenadores das principais candidaturas que começam a ser alinhadas, em posição de largada, para a campanha eleitoral deste ano. A história ensina que um bom coordenador, sobretudo aplicado e disciplinado, pode ser tão importante quanto o candidato que se propõe a levar ao poder.

Os coordenadores dos candidatos mais conhecidos, procurando fazer a sua hora e a sua vez, já estão em cena, trabalhando nos bastidores; 29 anos depois da última eleição presidencial que Jânio Quadros venceu por maioria esmagadora. O coordenador principal da candidatura de Jânio foi o atual ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira, que está se preparando para exercer, de novo, a mesma missão.

É claro que o Jânio da campanha vitoriosa de 1960 encontrou, na velha UDN, uma série de aliados destemidos que facilitaram a tarefa de Aparecido, embora muitos deles não tenham apoiado o seu nome, na primeira hora. Os ex-ministros Magalhães Pinto e Petrônio Portella, o professor Carvalho Pinto, os ex-senadores Dinarte Mariz e Milton Campos, o presidente José Sarney e o ministro Antônio Carlos Magalhães (Comunicações) foram alguns expoentes, há quase três décadas, da vitória janista.

Hoje, esse experimentado *Zé Aparecido* enfrentará, como maior dificuldade, o envelhecimento do produto que vai tentar vender, mais uma vez, à sociedade brasileira. Renúncia à parte, o Jânio do ministro da Cultura de Sarney se mostra como um político de saúde abalada, atingido por crises constantes de tremeadeira, mas ainda guarda um carisma indiscutível. Fala diretamente às massas (e aí se parece com Leonel Brizola), mas tem um comportamento ambíguo.

O coordenador do candidato do PSDB, Mário Covas, é o seu colega de Senado, o respeitável José Richa, um político de diálogo. No momento, Richa tenta respaldar a candidatura de Covas com o apoio de um forte segmento do empresariado. O ex-governador paranaense é o dono, talvez, do mais clássico perfil de centro liberal do Congresso. A dificuldade maior de Richa está em alargar a passagem de Covas pela esquerda, ao mesmo tempo em que procura acertar composições ao centro e à direita.

Luís Ignácio Lula da Silva transformou o líder da bancada do PT na Câmara dos Deputados, Plínio de Arruda Sampaio, no principal coordenador da sua candidatura. Um dos expoentes do grupo petista denominado de *Articulação*, Plínio destaca-se pela moderação e experiência. Deputado pelo velho PDC, acabou cassado e exilado. Lula espera que ele seja o anteparo dos grupos mais radicais do PT, que vão tentar impor o ritmo da sua campanha. Plínio compõe a buscar alianças fora para compor a chapa de Lula. Vislumbra como nome ideal para vice o do ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Raymundo Faoro, ou o do ex-prefeito do Recife, Jarbas Vasconcelos.

O coordenador-geral da candidatura de Ulysses Guima-



rães, o ex-ministro Renato Archer, enfrenta como maior obstáculo ao pleno desenvolvimento do seu trabalho a difícil composição do PMDB, que parece inexoravelmente dividido. Homem de grande vivência política — foi deputado federal, subsecretário de Relações Exteriores com San Tiago Dantas e ministro de Ciência e Tecnologia e de Previdência Social na Nova República —, Archer, se não registra em seu currículo experiência como coordenador de candidaturas, ostenta em seu currículo uma participação importante na articulação da Frente Ampla, que reuniu Juscelino Kubitschek, João Goulart e Carlos Lacerda, movimento que sofreu feroz oposição do ex-governador Leonel Brizola.

Archer sabe que enfrentará adversários à direita, como os governadores Orestes Quércia (São Paulo) e Newton Cardoso (Minas Gerais) e à esquerda, como os governadores Miguel Arraes (Pernambuco) e Waldyr Pires (Bahia). Os governadores, aliás, parece que serão, daqui para a frente, uma incômoda pedra no sapato de Ulysses. O coordenador do candidato do PMDB deverá encontrar resistências, também, entre os aliados do presidente José Sarney, que ocupam grandes espaços do partido.

Com experiência em campanha presidencial, além de José Aparecido (homem forte de Jânio), aparece o ex-ministro da Justiça, deputado Fernando Lyra, hoje desavindo com Sarney, Ulysses e outros grandes *cardeais* da Nova República. Com a Lyra, ao articular a candidatura de Tancredo, em um instante difícil da vida política brasileira, levar a esquerda, que se mostrava arredia, para a causa do então governador de Minas. Lyra empresta agora o seu talento ao engenheiro Leonel Brizola, candidato do PDT.

Sagaz, um tipo de político moderno, Lyra empreende como coordenador de Brizola um movimento inverso ao que promoveu, há quatro anos, em favor de Tancredo. Lyra tem uma característica interessante: embora de caráter extremamente leal e confiável, guarda sua independência com enorme cuidado. Sem ser tancredista pôde ser, por isso mesmo, o grande articulador de Tancredo.

Uma espécie de mago da costura política, Lyra pode, sem surpresa, resolver a parada política para Brizola, sem ser brizolista. A amigos, o deputado pernambucano tem salientado que o movimento eleitoral deste ano sustenta-se em convenções particulares e, por força delas, as principais articulações, sem desprezar os políticos, devem atingir a raiz da sociedade. Lyra, com muita aplicação, está contactando empresários — até mesmo os reacionários —, lança pontes em direção das Forças Armadas, usando relações que cultivou quando ministro da Justiça, e já agora procura apoios na universidade, terreno em que Brizola é fraco.

Os coordenadores, enfim, estão ativos. Lyra bem à frente deles, tentando com a ajuda de seu antigo chefe de gabinete, Cristóvão Buarque, abrir a grande avenida para que a candidatura de Brizola possa passear livremente pela universidade, notadamente em seus complicados segmentos cariocas. Homem de façanhas ousadas, o ex-ministro da Justiça só se sentirá, porém, plenamente realizado como coordenador, se conseguir atrair para o brizolismo o seu antigo consultor Jurídico, Marcelo Cerqueira, professor de direito constitucional com trânsito na área acadêmica do Rio. Cerqueira é um crítico ferrenho de Brizola, desde o desembarque do engenheiro em praias cariocas, vindo do exílio. Se operar essa conversão, Lyra acha que vira gênio.